O Papa Jo«o Paulo II, ainda jovem, encontrou S«o Lu²s Maria Grignion de Montfort e aprendeu com ele a amar a M«e de Deus. Veja aqui o que ele diz daquele que ® considerado o maior devoto da Virgem Sant²ssima.

CARTA DO PAPA JOëO PAULO II êS FAMçLIAS MONFORTINAS SOBRE A DOUTRINA DO SEU FUNDADOR

H§ 160 anos foi publicada uma obra destinada a tornar-se um cl§ssico da espiritualidade mariana. S«o Lu²s Maria Grignion de Montfort comp¹s o Tratado sobre a verdadeira devo-«o ¨ Virgem Sant²ssima no in²cio de 1700, mas o manuscrito permaneceu praticamente desconhecido por mais de um s®culo. Quando finalmente, quase por acaso, em 1842 foi descoberto e em 1843 foi publicado, teve sucesso imediato, revelando-se uma obra de efici°ncia extraordin§ria para a difus«o da ñverdadeira devo-«oò ¨ Virgem Sant²ssima. Eu pr·prio, nos anos da minha juventude, tirei grandes benef²cios da leitura deste livro, no qual ñencontrei a resposta ¨s minhas perplexidadesò devidas ao receio que o culto a Maria, ñdilatando-se excessivamente, acabasse por comprometer a supremacia do culto devido a Cristoò (Dom e mist®rio, p§g. 38). Sob a orienta-«o s§bia de S«o Lu²s Maria compreendi que, quando se vive o mist®rio de Maria em Cristo, esse risco n«o subsiste. O pensamento mariol·gico do Santo, de facto, ñest§ radicado no Mist®rio trinit§rio e na verdade da Encarna-«o do Verbo de Deus (ibid.).

TRATADO
da Verdadeira Devoção
à Santíssima Virgem
por
S. LUIS MARIA
GRIGNION DE MONTFORT

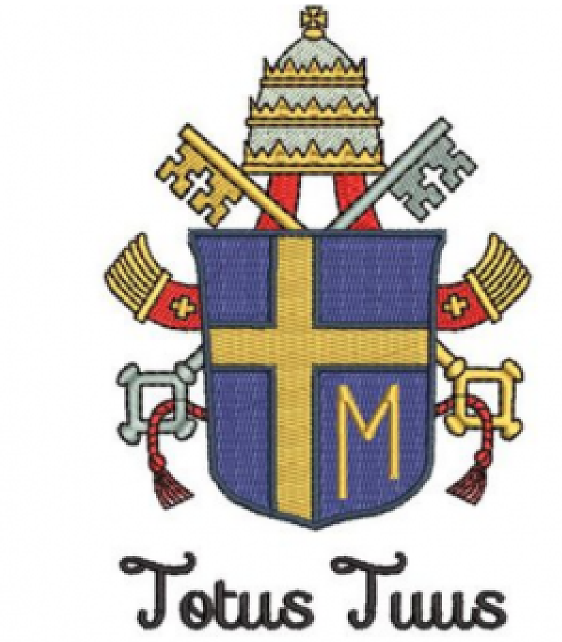
A Igreja, desde as suas origens, e sobretudo nos momentos mais dif²ceis, contemplou com particular intensidade um dos acontecimentos da Paix«o de Jesus Cristo, referido a S«o Jo«o: ñJunto ¨ cruz de Jesus estavam, de p®, sua m«e e a irm« de sua m«e, Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena. Ent«o, Jesus, ao ver ali de p® a sua m«e e o disc²pulo que Ele amava, disse ¨ m«e: ñMulher, eis o teu filho!ò. Depois, disse ao disc²pulo: ñEis a tua m«e!ò. E, desde aquela hora, o disc²pulo acolheu-a como suaò (Jo 19, 25-27). Ao longo da sua hist·ria, o Povo de Deus experimentou esta doa-«o feita por Jesus crucificado: a doa-«o da sua M«e. Maria Sant²ssima ® verdadeiramente a nossa M«e, que nos acompanha na nossa peregrina-«o de f®, esperan-a e caridade rumo

¨ uni«o cada vez mais intensa com Cristo, ¼nico salvador e mediador da salva-«o (cf. Const. Lumen gentium, 60 e 62).

Como se sabe, no meu bras«o episcopal, que ® a ilustra-«o simb·lica do texto evang®lico acima citado, o mote Totus tuus est§ inspirado na doutrina de S«o Lu²s Maria Grignion de Montfort (cf. Dom e mist®rio, p§gs. 38-39: Rosarium Virginis Mariae, 15). Estas duas palavras exprimem a perten-a total a Jesus por meio de Maria: ñTuus totus ego sum, et omnia mea tua suntò, escreve S«o Lu²s Maria; e traduz: ñEu sou todo teu, e tudo o que ® meu te pertence, meu am§vel Jesus, por meio de Maria, tua Santa M«eò (Tratado sobre a verdadeira devo-«o, 233). A doutrina deste Santo exerceu uma profunda influ°ncia sobre a devo-«o mariana de muitos fi®is e sobre a minha pr·pria vida. Trata-se de uma doutrina vivida, de grande profundidade asc®tica e m²stica, expressa com um estilo vivo e fervoroso, que usa com frequ°ncia imagens e s²mbolos. A partir do tempo em que S«o Lu²s Maria viveu, a teologia mariana contudo desenvolveu-se muito, sobretudo mediante o contributo decisivo do Conc²lio Vaticano II. Por conseguinte, hoje, deve ser lida novamente e interpretada ¨ luz do Conc²lio a doutrina monfortina, que conserva de igual modo a sua substancial validade.

Com esta Carta dos escritos de S«o Lu²s Maria, que nos ajudam nestes momentos dif²ceis a alimentar a nossa confian-a na medita-«o da M«e do Senhor.

Ad Iesum per Mariam



S«o Lu²s Maria prop»e com singular efici°ncia a contempla-«o amorosa do mist®rio da Encarna-«o. A verdadeira devo-«o mariana ® cristoc°ntrica. Com efeito, como recordou o Conc²lio Vaticano II, ña Igreja, meditando piedosamente na Virgem, e contemplando-a ¨ luz do Verbo feito homem, penetra mais profundamente, cheia de respeito, no insond§vel mist®rio da

Encarna-«oò (Const. Lumen gentium, 65).

O amor de Deus mediante a uni«o a Jesus Cristo ® a finalidade de qualquer devo-«o aut°ntica, porque como escreve S«o Lu²s Maria Cristo ñ® o nosso ¼nico mestre e deve instruir-nos, o nosso ¼nico Senhor do qual devemos depender, a nossa ¼nica Cabe-a ¨ qual devemos permanecer unidos, o nosso ¼nico modelo com o qual nos devemos conformar, o nosso ¼nico m®dico que nos deve curar, o nosso ¼nico pastor que nos deve alimentar, o nosso ¼nico caminho que nos deve vivificar e o nosso ¼nico tudo, em todas as coisas, que nos deve satisfazerò (Tratado sobre a verdadeira devo-«o, 61).

A devo-«o ¨ Santa Virgem ® um meio privilegiado ñpara encontrar Jesus Cristo, para o amar com ternura e para o servir com fidelidadeò (Tratado sobre a verdadeira devo-«o, 62). Este desejo central de ñamar com ternuraò ® imediatamente dilatado numa fervorosa ora-«o a Jesus, pedindo a gra-a de participar na indiz²vel comunh«o de amor que existe entre Ele e a sua M«e. A relatividade total de Maria a Cristo, e, nôEle, ¨ Sant²ssima Trindade, ® antes de mais experimentada na observa-«o: ñTodas as vezes que pensas em Maria, Maria louva e honra contigo a Deus. Maria ® toda relativa a Deus, e eu cham§-la-ia muito bem a rela-«o de Deus,que existe unicamente em rela-«o a Deus, o eco de Deus, que n«o diz e n«o repete a n«o ser Deus. Se dizes Maria, ela repete Deus. Santa Isabel louvou Maria e proclamou-a bem-aventurada porque acreditou. Maria o eco fiel de Deus entoou: Magnificat anima mea Dominum: a minha alma louva ao Senhor. Aquilo que Maria fez naquela ocasi«o, repete-o todos os dias. Quando ® louvada, amada, honrada ou recebe algo, Deus ® louvado, Deus ® amado, Deus recebe pelas m«os de Maria e em Mariaò (Tratado sobre a verdadeira devo-«o,225).

£ ainda na ora-«o ¨ M«e do Senhor que S«o Lu²s Maria exprime a dimens«o trinit§ria da sua rela-«o com Deus: ñSa¼do-te Maria, Filha predileta do Pai eterno! Sa¼do-te Maria, M«e admir§vel do Filho! Sa¼do-te Maria, Esposa fidel²ssima do Esp²rito Santo!ò (Segredo de Maria, 68). Esta tradicional express«o, j§ usada por S«o Francisco de Assis (cf. Fontes Franciscanas, 281), mesmo contendo n²veis heterog®neos de analogia, ® sem d¼vida eficaz para exprimir de certa forma a peculiar participa-«o de Nossa Senhora na vida da Sant²ssima Trindade.

S«o Lu²s Maria contempla todos os mist®rios da Encarna-«o que se realizou no momento da Anuncia-«o. Assim, no Tratado sobre a verdadeira devo-«o, Maria ® apresentada como ño verdadeiro para²so terrestre do Novo Ad«oò, a ñterra virgem e imaculadaò pela qual Ele foi plasmado (n. 261). Ela ® tamb®m a Nova Eva, associada ao Novo Ad«o na obedi°ncia que repara a desobedi°ncia original do homem e da mulher (cf. ibid., 53; Santo Ireneu Adversus haereses, III 21, 10-22, 4). Por meio desta obedi°ncia, o Filho de Deus entra no mundo. A mesma Cruz j§ est§ misteriosamente presente no momento da Encarna-«o, no momento em que Jesus ® concebido no seio de Maria. Com efeito, o ecce venio, da Carta aos Hebreus (cf. 10, 5-9) ® o acto primordial da obedi°ncia do Filho ao Pai, aceita-«o do seu Sacrif²cio redentor ñquando entra no mundoò.

ñToda a nossa perfei-«o escreve S«o Lu²s Maria Grignion de Montfort consiste em ser conformes, unidos e consagrados a Jesus Cristo. Por isso, a mais perfeita de todas as devo-»es ® incontestavelmente a que nos conforma, une e consagra mais perfeitamente a Jesus Cristo. Mas, sendo Maria a criatura mais conforme a Jesus Cristo, tem-se como resultado que, entre todas as devo-»es, a que consagra e conforma mais uma alma a nosso Senhor ® a devo-«o a Maria, sua M«e santa, e que quanto mais uma alma estiver consagrada a Maria, tanto mais estar§ consagrada a Jesus Cristoò (Tratado sobre a verdadeira devo-«o, 120). Dirigindo-se a Jesus, S«o Lu²s Maria exprime como ® maravilhosa a uni«o entre o Filho e a M«e: ñEla ® de tal forma transformada em ti pela gra-a, que n«o vive mais, n«o existe mais: ®s unicamente Tu, meu Jesus, que vives e reinas nelaé Ah! se conhec°ssemos a gl·ria e o amor que tu recebes nesta maravilhosa criaturaé Ela est§ t«o intimamente unidaé De facto, ela ama-te mais ardentemente e glorifica-te mais perfeitamente do que todas as outras criaturas juntasò (Ibid.,63).

Maria, membro eminente do Corpo m²stico e M«e da Igreja

Segundo as palavras do Conc²lio Vaticano II, Maria ñ® saudada como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeit²ssimo na f® e na caridadeò (Const.Lumen gentium, 53). A M«e do Redentor ® tamb®m redimida por ele, de maneira ¼nica na sua Imaculada Concei-«o, e precedeu-nos naquela escuta crente e cheia de amor da Palavra de Deus que nos torna bem-aventurados (cf. ibid., 58). Tamb®m por isso, Maria ñest§ intimamente unida ¨ Igreja: a M«e de Deus ® a figura (typus) da Igreja, como j§ ensinava Santo Ambr·sio, isto ®, na ordem da f®, da caridade e da uni«o perfeita com Cristo. De facto, no mist®rio da Igreja, que ® tamb®m chamada justamente m«e e virgem, a Bem-Aventurada Virgem Maria ® a primeira, dando de modo eminente e singular o exemplo de virgem e de m«eò (Ibid., 63). O pr·prio Conc²lio contempla Maria como M«e dos membros de Cristo (cf. ibid., 53; 62), e assim Paulo VI a proclamou M«e da Igreja. A doutrina do Corpo m²stico, que exprime de maneira mais forte a uni«o de Cristo com a Igreja, ® tamb®m o fundamento b²blico desta afirma-«o. ñA cabe-a e os membros pertencem ¨ mesma m«eò (Tratado sobre a verdadeira devo-«o, 32), recorda-nos S«o Lu²s Maria. Neste sentido, dizemos que, por obra do Esp²rito Santo, os membros est«o unidos e conformados com Cristo Cabe-a, Filho do Pai e de Maria, de tal modo que ñqualquer verdadeiro filho da Igreja deve ter Deus como Pai e Maria como M«eò (Segredo de Maria, 11).

Em Cristo, Filho unig®nito, somos realmente filhos do Pai e, ao mesmo tempo, filhos de Maria e da Igreja. Com o nascimento virginal de Jesus, de certa forma ® toda a humanidade que renasce. ê M«e do Senhor ñpodem ser aplicadas, de maneira mais verdadeira de quanto S«o Paulo as aplica a si mesmo, estas palavras: ñMeus filhos, por quem sinto outra vez dores de parto, at® que Cristo se forme entre v·sò (Gl 4, 19). Dou ¨ luz todos os dias os filhos de Deus, enquanto n«o estiver formado neles Jesus Cristo, meu

Filho, na plenitude da sua idadeò(Tratado sobre a verdadeira devo-«o, 33). Esta doutrina encontra a sua express«o mais bela na ora-«o: ñOh! Esp²rito Santo, concede-me uma grande devo-«o e uma grande inclina-«o para Maria, um apoio s·lido sobre o seu seio materno e um recurso ass²duo ¨ sua miseric·rdia, para que, nela, tu possas formar Jesus dentro de mimò (Segredo de Maria, 67).

Uma das express»es mais nobres da espiritualidade de S«o Lu²s Maria Grignion de Montfort refere-se ¨ identifica-«o do fiel com Maria no seu amor por Jesus, no seu servi-o a Jesus.

Meditando o conhecido texto de Santo Ambr·sio: A alma de Maria esteja em cada um para glorificar o Senhor, o esp²rito de Maria esteja em cada um para exultar em Deus (Expos. in Luc., 12, 26: PL 15, 1561), ele escreve: ñComo ® feliz uma alma quando é est§ totalmente arrebatada e guiada pelo esp²rito de Maria, que ® um esp²rito doce e forte, zeloso e prudente, humilde e corajoso, puro e fecundoò (Tratado sobre a verdadeira devo-«o, 258). A identifica-«o m²stica com Maria est§ totalmente dirigida para Jesus, como se exprime na ora-«o: ñPor fim, minha querida e amad²ssima M«e, se for poss²vel, faz com que eu n«o tenha outro esp²rito a n«o ser o teu para conhecer Jesus Cristo e os seus desejos divinos; que n«o tenha outra alma a n«o ser a tua para louvar e glorificar o Senhor; que n«o tenha outro cora-«o a n«o ser o teu para amar Deus com caridade pura e ardente como tuò (Segredo de Maria, 68).

S. LVD. M. MONTFORT

A santidade perfei-«o da caridade

A Constitui-«o Lumen gentium recita ainda: ñMas, ao passo que, na Sant²ssima Virgem, a Igreja alcan-ou j§ aquela perfei-«o sem mancha nem ruga que lhe ® pr·pria (cf. Ef 5, 27), os fi®is ainda t°m de trabalhar por vencer o pecado e crescer na santidade; e por isso levantam os olhos para Maria, que brilha como modelo de virtudes sobre toda a fam²lia dos eleitosò (n. 65). A santidade ® perfei-«o da caridade, daquele amor a Deus e ao pr·ximo que ® o objecto do maior mandamento de Jesus (cf. Mt 22, 38), e ® tamb®m o maior dom do Esp²rito Santo (cf. 1 Cor 13, 13). Assim, nos seus C©nticos, S«o Lu²s Maria apresenta sucessivamente aos fi®is a excel°ncia da caridade (C©ntico 5), a luz da f® (C©ntico 6) e a firmeza na esperan-a (C©ntico7).

Na espiritualidade monfortina, o dinamismo da caridade ® expresso especialmente atrav®s do s²mbolo da escravid«o do amor a Jesus a exemplo e com a ajuda materna de Maria. Trata-se da comunh«o plena na kenosis de Cristo; comunh«o vivida com Maria, intimamente presente nos mist®rios da vida do Filho. ñN«o h§ nada entre os crist«os que fa-a pertencer de maneira mais absoluta a Jesus Cristo e ¨ sua Santa M«e como a escravid«o da vontade, segundo o exemplo do pr·prio Jesus Cristo, que assumiu as condi-«o de escravo por amor a n·s formam servi accipiens e da Santa Virgem, que se considerou serva e escrava do Senhor. O ap·stolo honra-se do t²tulo de servus Christi. V§rias vezes, na Sagrada Escritura, os crist«os s«o chamados servi Christiò (Tratado sobre a verdadeira devo-«o, 72). De facto, o Filho de Deus, que veio ao mundo em obedi°ncia ao Pai na Encarna-«o (cf. Hb 10, 7), humilhou-se depois fazendo-se obediente at® ¨ morte, e morte de Cruz (cf. Fl 2, 7-8). Maria correspondeu ¨ vontade de Deus com o dom total de si, corpo e alma, para sempre, desde a Anuncia-«o at® ¨ Cruz, e da Cruz at® ¨ Assun-«o.

Certamente, entre a obedi°ncia de Cristo e a obedi°ncia de Maria existe uma assimetria determinada pela diferen-a ontol·gica entre a Pessoa divina do Filho e a pessoa humana de Maria, do que deriva tamb®m a exclusividade da efici°ncia salv²fica fontal da obedi°ncia de Cristo, da qual a sua pr·pria M«e recebeu a gra-a para poder obedecer de modo total a Deus e assim colaborar com a miss«o do seu Filho.

Por conseguinte, a escravid«o de amor deve ser interpretada ¨ luz do admir§vel interc©mbio entre Deus e a humanidade no mist®rio do Verbo encarnado. £ um verdadeiro interc©mbio de amor entre Deus e a sua criatura na reciprocidade da doa-«o total de si. ñO esp²rito desta devo-«oé ® tornar a alma interiormente dependente e escrava da Sant²ssima Virgem e de Jesus por meio delaò (Segredo de Maria, 44). Paradoxalmente, este ñv²nculo de caridadeò, esta ñescravid«o de amorò torna o homem plenamente livre, com a verdadeira liberdade dos filhos de Deus (cf. Tratado sobre a verdadeira devo-«o, 169). Trata-se de se entregar totalmente a Jesus, respondendo ao Amor com que Ele nos amou primeiro. Qualquer pessoa que viver neste amor pode dizer como S«o Paulo: ñJ§ n«o sou eu que vivo, ® Cristo que vive em mimò (Gl 2, 20).

A ñperegrina-«o da f®ò

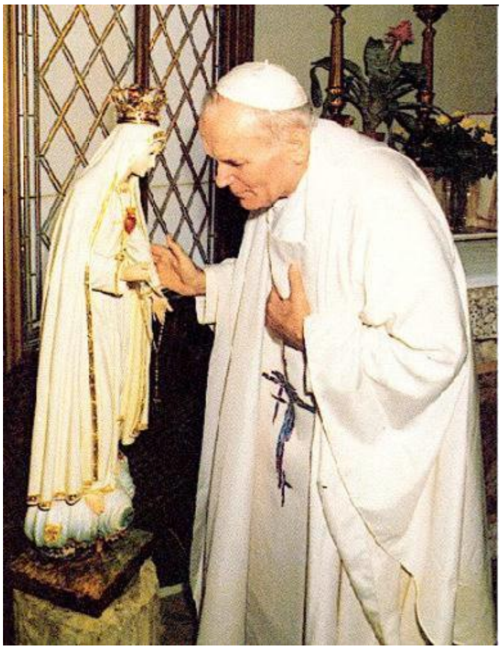
Na Novo millennio ineunte escrevi que ñse alcan-a Jesus unicamente pelo caminho da f®ò (n. 19). Foi precisamente este o caminho seguido por Maria durante toda a sua vida terrena, e ® o caminho da Igreja peregrina at® ao fim dos tempos. O Conc²lio Vaticano II insistiu muito sobre a f® de Maria, misteriosamente partilhada pela Igreja, pondo em realce o itiner§rio de Nossa Senhora desde o momento da Anuncia-«o at® ao momento da Paix«o redentora (cf. Const. Lumen gentium, 57 e 67; Carta enc. Redemptoris Mater, 25-27).

Nos escritos de S«o Lu²s Maria encontramos a mesma °nfase sobre a f® vivida pela M«e de Jesus num caminho que vai da Encarna-«o at® ¨ Cruz, uma f® na qual Maria ® modelo e tipo da Igreja. S«o Lu²s Maria expressa-o com riqueza de imagens quando exp»e ao seu leitor os ñefeitos maravilhososò da perfeita devo-«o mariana: ñPortanto, quanto mais ganhares a benevol°ncia desta vener§vel Princesa e Virgem fiel, tanto mais o teu comportamento de vida estar§ inspirado pela f® pura. Uma f® pura, portanto n«o te preocupar§s minimamente de quanto ® sens²vel e extraordin§ria. Uma f® viva e animada pela caridade, que te far§ agir unicamente com motivo do amor puro. Uma f® firme e inabal§vel como uma rocha, que te far§ permanecer firme e constante no meio de furac»es e de tempestades. Uma f® laboriosa e penetrante que, como misteriosa chave polivalente, te far§ entrar em todos os mist®rios de Jesus Cristo, nos fins ¼ltimos do homem e no cora-«o do pr·prio Deus. Uma f® corajosa, que te far§ empreender e concretizar sem hesita-»es coisas grandes para Deus e para a salva-«o das almas. Por fim, uma f® que ser§ a tua chama ardente, a tua vida divina, o teu tesouro escondido da Sabedoria divina e a tua arma omnipotente, com a qual esclarecer§s todos os que s«o t²bios e t°m necessidade do ouro ardente da caridade, dar§s de novo vida aos que morreram por causa do pecado, comover§s e perturbar§s com as tuas palavras suaves e fortes os cora-»es de pedra e os cedros do L²bano e, por fim, resistir§s ao dem·nio e a todos os inimigos da salva-«oò(Tratado sobre a verdadeira devo-«o, 214).

Como S«o Jo«o da Cruz, S«o Lu²s Maria insiste principalmente sobre a pureza da f® e sobre a sua essencial e muitas vezes dolorosa obscuridade (cf. Segredo de Maria, 51, 52). £ a f® contemplativa que, renunciando ¨s coisas sens²veis ou extraordin§rias, penetra nas profundezas misteriosas de Cristo. Assim, na sua ora-«o, S«o Lu²s Maria dirige-se ¨ M«e do Senhor dizendo: ñN«o te pe-o vis»es ou revela-»es, nem gostos ou del²cias, mesmo s· espirituaisé Aqui na terra, eu quero que me perten-a unicamente o que tu quiseres, isto ®: crer com f® pura sem nada provar ou verò (ibid., 69). A Cruz ® o momento culminante da f® que Maria tem, como escrevi na Enc²clica Redemptoris Mater: ñMaria participa mediante a f® no mist®rio desconcertante desse despojamentoé Isso constitui, talvez, a mais profunda ñkenosisò da f® na hist·ria da humanidadeò (n. 18).

Sinal de esperan-a certa

O Esp²rito Santo convida Maria a ñreproduzir-seò nos seus eleitos, alargando at® eles as ra²zes da sua ñf® invenc²velò, mas tamb®m da sua ñfirme esperan-aò (cf. Tratado sobre a verdadeira devo-«o, 34). O Conc²lio Vaticano II recordou quanto segue: ñA M«e de Jesus, assim como, glorificada j§ em corpo e alma, ® imagem e in²cio da Igreja que se h§-de consumar no s®culo futuro, assim tamb®m, na terra, brilha como sinal de esperan-a segura e de consola-«o, para o Povo de Deus ainda peregrinante, at® que chegue o dia do Senhor (Const.Lumen gentium, 68). Esta dimens«o escatol·gica ® contemplada por S«o Lu²s Maria sobretudo quando fala dos ñsantos dos ¼ltimos temposò, formados pela Virgem Santa para levar ¨ Igreja a vit·ria de Cristo sobre as for-as do mal (cf. Tratado sobre a verdadeira devo-«o, 49-59). N«o se trata de modo algum de uma forma de ñmilenarismoò, mas do sentido profundo da ²ndole escatol·gica da Igreja, ligada ¨ unicidade e universalidade salv²fica de Jesus Cristo. A Igreja espera a vinda gloriosa de Jesus no fim dos tempos. Como Maria e com Maria, os santos s«o na Igreja e para a Igreja, para fazer resplandecer a sua santidade, para alargar at® aos confins do mundo e at® ao fim dos tempos a obra de Cristo, ¼nico Salvador.



Na ant²fona Salve Regina, a Igreja chama a M«e de Deus ñnossa Esperan-aò. A mesma express«o ® usada por S«o Lu²s Maria a partir de um texto de S«o Jo«o Damasceno, que aplica a Maria o s²mbolo b²blico da ©ncora (cf. Hom. 1Û in Dorm. B.V.M.: PG 96, 719): ñN·s unimos as almas a ti, nossa esperan-a, como a uma ©ncora firme. A ela afei-oaram-se em maior medida os santos que se salvaram e fizeram afei-oar os outros, para que perseverassem na virtude. Portanto, bem-aventurados, infinitamente bem-aventurados os crist«os que hoje se mant°m unidos a ela fiel e totalmente como a uma ©ncora firmeò (Tratado sobre a verdadeira devo-«o, 175). Atrav®s da devo-«o a Maria, o pr·prio Jesus ñalarga o cora-«o com uma santa confian-a em Deus, fazendo com que ele seja visto como Pai e inspirando um amor terno e filialò (Ibid., 169).

Juntamente com a Virgem Santa, com o mesmo cora-«o de m«e, a Igreja reza, espera e intercede pela salva-«o de todos os homens. S«o as ¼ltimas palavras da constitui-«o Lumen gentium: ñDirijam todos os fi®is instantes s¼plicas ¨ M«e de Deus e m«e dos homens, para que ela, que assistiu com as suas ora-»es aos come-os da Igreja, tamb®m agora, exaltada sobre todos os anjos e bem-aventurados, interceda, junto de seu Filho, na comunh«o de todos os santos, at® que todos os povos, tanto os que ostentam o nome crist«o, como os que ainda ignoram o Salvador, se re¼nam felizmente, em paz e harmonia, no ¼nico Povo de Deus, para gl·ria da sant²ssima e indivisa Trindadeò (n. 69).

Fazendo de novo meus estes votos, que juntamente com os outros Padres Conciliares expressei h§ quase quarenta anos, envio a toda a Fam²lia monfortina uma especial B°n-«o apost·lica.

Vaticano, 8 de Dezembro de 2003, Solenidade da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria.

ARAUTOS DO EVANGELHO 2000-2013. Todos os direitos reservados